

O caso Aranha entre o legítimo e o ilegítimo de ser cantado nos estádios de futebol

Gustavo Andrada Bandeira *

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Fernando Seffner **

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: As atitudes dos torcedores nos estádios de futebol produzem narrativas construídas de forma agonística. Não são apenas as partidas que estão em disputa, mas diferentes representações de gênero, sexualidade, pertencimento étnico... A violência é produzida na cultura em um terreno de lutas por significação. Nos estádios alguns cânticos poderão ser chamados de violentos enquanto outros não. A proposta desse artigo é problematizar como manifestações verbais se constituíram como um problema a partir de duas partidas do Grêmio FBPA *versus* o Santos FC em 2014 ocorridas na Arena do Grêmio. O goleiro Aranha, da equipe paulista, foi alvo de ofensas que utilizaram diferentes representações de raça/etnia e sexualidade. A partir da cobertura midiática e de nossa presença no estádio discutiremos quais os cânticos e termos foram problematizados durante essas partidas. Nosso foco se dará sobre o que foi entendido como legítimo e o que foi interdito para as manifestações da torcida.

Palavras-chave: Racismo; Violência; Futebol; Aranha; Grêmio

Abstract: The behavior of supporters in football stadiums produces agonistic narratives. They are in dispute matches and different representations of gender, sexuality, ethnic belonging. Violence is produced in culture on a plot of struggles for meaning. In stadiums some songs may be called violent while others do not. The objective of this article is to discuss how verbal manifestations constituted as a problem from two matches Grêmio FBPA vs. Santos FC in 2014 occurred in the Grêmio Arena. The goalkeeper Aranha, the Sao Paulo team, was the target of offenses that used

* Gustavo Andrada Bandeira é técnico em assuntos educacionais na Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de pesquisa Educação, Sexualidade e Relações de Gênero, da mesma universidade. Publicou recentemente, *As novas arenas e as emoções dos torcedores dos velhos estádios* (Esporte e Sociedade, v. 23, p. 1-12, 2014) em parceria com Matheus Passos Beck e *Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo* (Espaço Plural - Marechal Cândido Rondon. Online -, v. 29, p. 246-270, 2013) em parceria com Fernando Seffner. Endereço: Rua Santa Cecília, 1373/309, Bairro Santana, CEP: 90420-041 - Porto Alegre/RS, Brasil. E-mail: gustavoabandeira@yahoo.com.br.

** Fernando Seffner é professor associado II da Faculdade de Educação da UFRGS, junto ao Departamento de Ensino e Currículo (DEC). É docente e orientador junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) na linha de pesquisa Educação, Sexualidade e Relações de Gênero, com ênfase temática nas pedagogias de construção das masculinidades. É também docente e orientador no Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA. É líder do Grupo de Estudos em Educação e Relações de Gênero GEERGE/PPGEDU/UFRGS e membro da equipe do LISTHE Laboratório de Ensino de História e Educação FAGED/IFCH/CAP/UFRGS. Endereço: Av. Paulo Gama Prédio 12201 - Faculdade de Educação - sala 903 Campus Central da UFRGS, Bairro Farroupilha, CEP: 90046-900 - Porto Alegre/RS, Brasil. E-mail: fernandoseffner@gmail.com.

different representations of race/ethnicity and sexuality. From the media coverage and our presence in the stadium we discuss which songs and terms were problematized during these matches. Our focus will be on what was perceived as legitimate and what was forbidden for demonstrations of the crowd.

Key words: Racism; Violence; Football; Aranha; Grêmio

Futebol e violência

A violência, como qualquer outro artefato cultural, não é um conceito essencial, fixo ou estável. Nos estádios de futebol alguns cânticos ou xingamentos endereçados aos adversários ou as torcidas de equipes rivais poderão ser chamados de violentos enquanto outros não receberão a mesma adjetivação. Essa diferenciação não acontece apenas se examinarmos as manifestações dos torcedores em dimensão histórica, acontece também se fizermos este exame num corte apenas contemporâneo. Não há uma concordância definitiva acerca do que seja considerado violento ou não em termos de cânticos e xingamentos e este é um terreno para sempre movediço, sujeito a ação de muitos atores.

No futebol, a violência é um dos temas mais polêmicos e recorrentes, com forte expressão na mídia especializada, rendendo intermináveis debates. Algumas das manifestações de violência que aparecem nos estádios de futebol podem ser entendidas como uma característica importante e desejável em certas representações de masculinidades. Se pensarmos que os estádios de futebol são um importante lugar em que se realizam construções de masculinidade, algumas violências serão permitidas, incentivadas e naturalizadas, inclusive, deixando de ser consideradas violências. Algumas manifestações poderão, até mesmo, serem vistas como um exercício saudável de agressividade para expressão de uma específica representação de masculinidade, regrada pela lógica de um tempo distinto do ordinário. Para Huizinga (1993) os jogos podem ser entendidos como suspensão temporária da vida comum. Esse espaço de

experimentação permitiria alguns deslocamentos, especialmente aos entendimentos de seriedade que produzem as ações do cotidiano.

Jornalistas esportivos e alguns pesquisadores acadêmicos demarcam uma hierarquização entre o que poderia ser entendido como violência “simbólica” de violência “real”. Conceitualmente, essa separação poderia lida da seguinte maneira: “a violência real, que é perceptível pelas agressões físicas de contato, enquanto a violência simbólica¹ é visível pelas agressões verbais e/ou gestuais” (REIS, 2005: 114). Para Elias, essa divisão passou a fazer sentido a partir da constituição do estado moderno e do monopólio da violência. “Formas de violência não física que sempre existiram, mas que até então sempre estiveram misturadas ou fundidas com a força física são agora separadas destas últimas. Persistem, mas de forma modificada, nas sociedades mais pacificadas” (ELIAS 1993: 198). O mesmo Elias (1992) aponta que os esportes modernos estão envolvidos na tentativa constante entre manter certa tensão provocada pelos jogos e o controle da violência. É neste movimento local que este artigo se instala, recolhendo cenas para examinar. No caso das torcidas de futebol e seus cânticos, como imaginar essa tensão entre o que poderia ser entendido como emoção sadia e o que poderia ser entendido como violência? Diversas narrativas sobre confrontos entre torcedores parecem tolerar as manifestações quando essas acontecem através dos cânticos² e xingamentos, e muitas outras as condenam. Não sendo possível examinar esta questão de modo absoluto ou universal, optamos pela estratégia do estudo de caso.

A proposta desse artigo é problematizar como manifestações verbais, ou simbólicas, se constituíram enquanto um problema a partir de duas partidas do Grêmio³ *versus* o Santos em 2014 ocorridas na Arena do Grêmio. Durante os confrontos, o goleiro Aranha, da equipe paulista, foi alvo de ofensas que utilizaram diferentes representações de raça/etnia e sexualidade na tentativa de ofender e dificultar a atuação

do jogador. A partir da cobertura midiática e de nossa presença no estádio pretendemos discutir quais cânticos e termos foram problematizados durante essas partidas. O foco da problematização se dará sobre o que foi entendido como legítimo e o que foi interdito para as manifestações coletivas da torcida. Que enunciados foram entendidos como parte do jogo e quais foram considerados violentos ou criminosos? O que aproxima e diferencia os termos “macaco”, entendido como racista neste contexto, e “veado”, historicamente autorizado nos estádios de futebol? Não é nossa pretensão chegar a alguma conclusão estável, pois assumimos tanto que o terreno é movediço quanto tem em conta as modificações introduzidas no ano em análise, ano em que o país sediou uma Copa do Mundo de futebol masculino pela segunda vez, que no futebol brasileiro ainda estão longe de esgotar seus efeitos, dentre os quais um deles é o que analisamos aqui.

Grêmio 0 X 2 Santos, Copa do Brasil, 28 de agosto de 2014

Em 28 de agosto, Grêmio e Santos fizeram a primeira partida das oitavas de final da Copa do Brasil de 2014 na Arena do Grêmio em Porto Alegre. Apesar do ímpeto inicial, a equipe gaúcha acabou sofrendo dois gols na parte final do primeiro tempo em falhas da defesa. No segundo tempo, os gaúchos se jogaram ao ataque, mas sem êxito, pecando nas conclusões ou parando em uma atuação segura do goleiro Aranha.

Infelizmente, não foram os méritos técnicos do goleiro Aranha que o tornaram protagonista de uma das partidas mais discutidas no futebol brasileiro no ano da segunda Copa do Mundo masculina de futebol da Fédération Internationale de Football Association (Fifa) ocorrida no país. Próximo ao final da partida, o goleiro da equipe paulista afirmou que torcedores do Grêmio posicionados na Arquibancada Inferior Norte (setor com ingressos mais baratos e que é destinado aos torcedores que assistem

às partidas em pé e às torcidas organizadas) o chamaram de “preto fedido” e “macaco”, além de fazerem sons de macaco em direção ao atleta. Ao ser ofendido, o goleiro voltou-se para os torcedores e bateu nos braços afirmando “Sou preto, sim. Sou negão, sim⁴”. Ao final da partida o goleiro se manifestou: “Fiquei bem nervoso. Com o perdão da palavra, fiquei p... Isso dói. Não é possível. Me chamaram de preto, de macaco. Bati no braço e disse que sou preto mesmo⁵”.

Após a partida o auditor do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) solicitou as imagens da mesma para verificar a viabilidade de apresentar denúncia contra o clube gaúcho. Na madrugada do dia 29 de agosto, o Grêmio emitiu nota solidarizando-se com o goleiro santista:

O Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense lamenta e repudia o ato de racismo ocorrido na noite desta quinta-feira, durante partida realizada pela Copa do Brasil, na Arena do Grêmio. O Clube se solidariza com o atleta Aranha e com seu clube, Santos, ressaltando que atos como esse são fruto de atitudes individuais e isoladas, que em nada representam a grandiosidade e o respeito da torcida gremista. Informamos que o Departamento Jurídico do Clube, em conjunto com a administração da Arena, já está tomando todas as medidas possíveis para que os envolvidos neste episódio sejam identificados e para que os materiais disponíveis sejam enviados às autoridades policiais, a fim de tomarem as providências cabíveis no âmbito criminal. No que se refere às ações administrativas, caso os responsáveis identificados sejam sócios do clube, estes serão imediatamente suspensos do Quadro Social e proibidos de ingressar no estádio. Reiteramos que o Grêmio tem sido um incentivador de iniciativas que visam coibir esse tipo de crime e que continuará alerta e atuante na luta contra a discriminação racial⁶.

O assessor de futebol do clube gaúcho, Marcos Chitolina, defendeu punição aos torcedores ao mesmo tempo em que procurou eximir a responsabilidade do clube: “Não vamos compactuar com o racismo, mas o Grêmio não pode ser punido por um ato individual. A administração da Arena tem todas as condições de buscar a identificação. Assim que for encontrado, vai punir e tomar as medidas necessárias”⁷.

O argumento de defesa do clube e responsabilização individual dos diretamente envolvidos pode ser pensado exclusivamente como uma tentativa de produzir ganho jurídico. Porém, é possível inserir essa argumentação em certo viés moral. “Partimos del

hecho de que nadie acepta ser definido como violento dada la ilegitimidad de ese rótulo, entonces la clasificación de sujetos y acciones como violentas estigmatiza y funciona como forma de control social” (GARRIGA ZUCAL, 2010: 29). Nesse marco moral é necessário destacar desde o início que os violentos são os outros ou, no mínimo, isolar os protagonistas dos atos.

O clube paulista também emitiu uma nota oficial lamentando o fato e lembrando uma campanha contra o racismo criada por conta de outro incidente envolvendo outro atleta do clube:

O Santos Futebol Clube mais uma vez vem a público se manifestar a respeito de um ato que considera inadmissível. Aranha, goleiro do elenco profissional, foi vítima de racismo no jogo contra o Grêmio, pelas oitavas de final da Copa do Brasil 2014. Apesar do Clube acreditar que trata-se de fato isolado, que destoa da postura do respeitado adversário e sua torcida, considera impossível ignorar a manifestação de parte daqueles que estavam na arena e proferiram gestos e palavras ofensivos dirigidos ao cidadão Mário Lúcio Duarte Costa, casado e pai de quatro filhos. Para esse escudo, o ato representa a ignorância de uma minoria da sociedade, mas por reconhecer o seu compromisso social em colaborar para a inibição de qualquer ato de preconceito, defendendo a sua cultura e a posição de seus torcedores, simpatizantes e ídolos, o Peixe resgata, no dia de hoje, a campanha #RacismoNão. A mesma foi criada há menos de um ano, após situação semelhante que vitimou mais um grande ídolo do alvinegro praiano, o volante Arouca. “Não tenho outra palavra a dizer, que não seja decepção. Estamos caminhando por um País melhor e vimos muitas manifestações em busca de melhorias nos últimos tempos. Mas atitudes como a de hoje (28 de agosto de 2014, na partida entre Santos FC e Grêmio, em Porto Alegre), mostram que precisamos melhorar como seres humanos. Caráter é tudo! Se não há homens de bem e pessoas de caráter, há uma contaminação na política, no trabalho, nos eventos e, claro, na vida. É preciso inibir esse tipo de ato, pois se não o fizermos, estamos, de certa maneira, concordando com isso. Hoje, a vítima fui eu. No entanto, isso já ocorreu com várias outras pessoas e continuará acontecendo se não inibirmos esse tipo de ação. Agora, o mais importante é a consciência daqueles que estão próximos dessas pessoas a convencê-las de que este não é o caminho”, Aranha. O Clube adotará as medidas cabíveis e espera, tal qual seu atleta Aranha, que esse seja o último caso em que o futebol e a competição saudável percam espaço para um acontecimento desprezível. Hoje saímos vitoriosos dentro das quatro linhas; mas com ainda mais raça para melhorar o que acontece “fora” delas. #MuitoAlémDoFutebol #RacismoNão⁸.

Como em qualquer contexto cultural, algumas violências parecem ser mais violentas que outras. “O aspecto social da conceituação de violência refere-se a que, em um grupo social, alguns vão nomear como violência algo que outros poderão considerar como corriqueiro ou não violento, isso na dependência de fatores culturais” (SEFFNER,

2004: 89). A violência é produzida na cultura e seus diferentes significados são construídos em um terreno de lutas por significação. Por vezes a violência que não inclui enfrentamentos corporais acaba sendo naturalizada, especialmente em contextos de multidões como os estádios de futebol. Alguns entendimentos também diminuem a importância dessa violência por entender que é no contexto do jogo que ela seria uma evasão da vida real com orientação própria (HUIZINGA, 1993). Em alguma medida, ações interditas em outras esferas da cultura ou do ordinário não possuiriam a mesma seriedade nesse contexto. O ambiente do jogo, porém, nunca é fixo e seguro, a “vida cotidiana” sempre pode reafirmar sua proeminência devido a uma quebra de regras ou a um desencanto (HUIZINGA, 1993).

Dentro dessa lógica de naturalização ou de dificuldade de perceber os xingamentos como uma agressão ou como violência, o árbitro da partida Wilton Pereira Sampaio ao ser informado sobre o que estava ocorrendo por jogadores da equipe paulista e de um dos árbitros auxiliares fez uma reprimenda ao goleiro Aranha por este ter, supostamente, provocado a torcida batendo nos braços, em um gesto que ficou relacionado no futebol a uma demonstração de garra realizada pelos atletas e, eventualmente, por torcedores. Em um primeiro momento, o árbitro não fez constar em sua súmula o episódio de xingamentos dirigidos ao goleiro santista. Porém, o árbitro acabou fazendo um adendo a sua súmula e a encaminhou ao procurador do STJD, Paulo Schmidt, relatando o fato.

Ao receber o adendo do árbitro, o procurador do STJD afirmou ter feito à solicitação das imagens. Ele informou que o Grêmio poderia ser enquadrado no artigo 243-G, do Código Brasileiro de Justiça Desportiva por “praticar ato discriminatório, desdenhoso ou ultrajante, relacionado a preconceito em razão de origem étnica, raça, sexo, cor, idade, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência”.

As novas arenas/estádios brasileiras construídas para a Copa do Mundo de 2014 ou seguindo as mesmas diretrizes sugeridas pelo Caderno de Encargos da Fifa (BANDEIRA; BECK 2014) possuem um grande controle do público na tentativa de individualizar suas ações em um processo que, em alguma medida, poderia ser comparado ao modelo do panóptico que segundo Michel Foucault “é uma máquina de dissociar o par ver-ser visto: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto” (2005: 167). Essa vigilância se aplicaria ao conjunto de torcedores. Com isso, esses sujeitos deixariam de ser entendidos como anônimos na multidão, o que algumas interpretações sugerem que produz um sentimento de inimizabilidade em suas condutas. Além desse sentimento de impunidade, o coletivo em estádios se permite algumas atitudes afastadas dos comportamentos prudentes da vida ordinária. Nos estádios a excitação é autorizada e incentivada fazendo com que os limites possam ser questionados, constantemente rompidos e rearranjados.

No atual contexto, as câmeras não só olham como gravam os torcedores sem que esses tenham a exatidão do enquadramento ou da edição que está sendo feita. Essa “novidade” das atuais arenas corresponde a um processo disciplinar dos torcedores. É uma forma de condução das condutas que tende a ser mais barata e eficiente, pois opera em uma autorregulação das ações. “Quem está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis; torna-se o princípio de sua própria sujeição” (FOUCAULT, 2005: p. 168).

Um dia após a partida, o chefe da Polícia Civil, Guilherme Wondracek, fez um pedido aos torcedores do Grêmio que estavam na Arena: “O torcedor que estava próximo e não quer que seu clube seja prejudicado pode procurar a 4º Delegacia ou

registrar através do disque-denúncia. As pessoas podem nos trazer informações que nos auxiliem a identificar os criminosos¹⁰”. Esse processo de fazer com que a torcida regule a torcida segue a lógica do regime disciplinar. Em um contexto ideal, não será ou não seria mais necessário pedir o auxílio da torcida. Esse auxílio aconteceria “naturalmente”. Não deixa de ser curiosa, nessa solicitação, a estratégia adotada pelo policial para sensibilizar as potenciais testemunhas. A punição ao clube aparece como o principal argumento para que os sujeitos auxiliem as autoridades e não o ato racista.

O comentarista do canal Sportv, Maurício Noriega, destacava a multidão como fator que poderia interferir no comportamento dos indivíduos gerando atitudes condenáveis: “Infelizmente, quando tem multidões, o cara até é um sujeito bacana, comportado, mas no meio de um monte de gente, ele se transforma e a idiotice prevalece. É lamentável que isso aconteça de novo¹¹”. Esse processo que desloca o sujeito individual – torcedor – a integrante de uma determinada multidão – torcida – precisa ser aflorado e vai se construindo desde o caminho até o estádio. É possível imaginar que essa sociabilidade torcedora permaneça após o encerramento da partida.

[...] os torcedores a caminho do estádio vão constituindo a ruptura em relação ao cotidiano na medida em que aderem a uma sequência de pequenos ritos ou performances – agrupamentos coletivos, xingamentos, cânticos, ingestão de bebidas alcoólicas, maconha e afins, etc. – [...] configurando o espaço do espetáculo como algo diverso e por vezes oposto ao cotidiano (DAMO, 2014a: 5).

O processo de individualização dos sujeitos torcedores como conseguimos visualizar nas atuais arenas, a partir dos assentos individuais e do monitoramento realizado pelas câmeras, pode ser pensado como uma tentativa de manter mais estáveis os marcadores identitários dos indivíduos dentro dos estádios. Isto poderia provocar uma diminuição das experiências de conjunto ao mesmo tempo em que poderia facilitar o controle pelos organizadores dos eventos. É do interior de um certo aparato tecnológico, aliado à arquitetura das novas arenas, que a produção de novos modos de

torcer se engendra, eventualmente tornando inaceitáveis atitudes que até pouco tempo atrás era corriqueiras. A Brigada Militar solicitou as imagens do incidente aos gestores do estádio, “com 240 câmeras, sendo 25 delas de alta definição, o sistema de monitoramento grava as imagens em um servidor. Assim, podem ser disponibilizadas ao Grêmio, à Polícia ou ao Ministério Público para averiguações¹²”. Uma dessas imagens, que não foi produzida pelos administradores do estádio, mas pelo canal de televisão ESPN, flagrou a torcedora Patrícia Moreira gritando o termo “macaco”. A torcedora acabou sendo colocada como a principal responsável pelas ofensas dirigidas ao goleiro. Ela passou a ser ameaçada e teve que deixar sua residência, que chegou a ser alvo de pedradas, após a divulgação das imagens.

A proibição do termo “macaco” na torcida do Grêmio

A partir do jogo seguinte, a torcida Geral do Grêmio (principal torcida organizada do clube) não possuiu mais a legitimação dada historicamente em relação aos cânticos que utilizavam o termo “macaco” e sua derivação “macacada” para referir-se ao coletivo de torcedores do rival Internacional (as torcidas de Grêmio e Internacional cumprem o mesmo ritual de ofender os torcedores rivais da dupla Gre-Nal mesmo quando os confrontos não incluem os dois adversários históricos). Essas manifestações até então estavam ancoradas em sua permissividade histórica. “Nos estádios [...] são permitidas certas manifestações que ordinariamente não seriam toleradas, pois, assim como o templo é o lugar da prece, o estádio é a tribuna dos insultos” (DAMO 2014a: 25). A torcida acabou suspensa pelo presidente do clube que passou a não mais admitir a histórica manifestação. Ao longo dos anos esses cânticos sempre foram questionados quando casos de racismo eclodiam no futebol. Nos demais momentos “ordinários” esses cânticos não eram noticiados ou apontados como

violentos, o que, em alguma medida, mostra como esse termo ou essa violência estava naturalizado no contexto dos torcedores de futebol. Apesar das discussões ocasionais, os cânticos se mantiveram inalterados até o jogo em que goleiro Aranha foi ofendido.

O caso Aranha foi o segundo ocorrido na Arena do Grêmio em um intervalo de cinco meses. Após a primeira partida da final do Campeonato Gaúcho, o zagueiro Paulão, do Internacional, foi chamado de macaco por um torcedor do Grêmio. O caso envolvendo o defensor colorado acarretou uma multa de R\$ 80 mil ao clube. O torcedor que xingou o jogador não foi identificado. Ainda em 2013, o departamento de marketing do clube lançou a campanha “Azul, Preto e Branco: o Grêmio é contra o racismo”. Essa preocupação em desvincular o Grêmio de sua representação racista tem atravessado a instituição nos últimos anos. Os cânticos da torcida Geral do Grêmio sempre estiveram no centro das discussões¹³. Já no momento da agressão ao zagueiro do Internacional, um grupo de torcedores propôs, sem êxito, que o termo “macaco” fosse excluído das arquibancadas e cadeiras da Arena¹⁴.

Ex-presidente do Grêmio e atual integrante de um programa de rádio, Luis Carlos Silveira Martins apontou o “folclore do futebol” para explicar e minimizar os eventos envolvendo o goleiro santista ou os cânticos com o termo “macaco”. Édison Gastaldo faz uma interessante ressalva sobre essa marcação,

[...] à primeira vista, trata-se apenas de futebol, mas o sistema de valores que fundamenta as interações é basicamente o enquadramento moral da sociedade como um todo, com sua demanda pela defesa da honra, da dignidade e da autonomia, atributos bastante vinculados à identidade de gênero masculino no Brasil (GASTALDO 2010: 313).

O ex-dirigente também defendeu a torcedora identificada pela televisão e apontada como principal responsável pelas agressões dirigidas ao goleiro. A rivalidade do Grêmio com o Internacional foi utilizada para reforçar seus argumentos:

Dentro do folclore do futebol, o Internacional coloca uma faixa ‘aqui é macacada’. É dentro do folclore do futebol. Se você passar pela rua, encontrar um negrão, um afrodescendente e dizer ‘olha, negro macaco’, você

está praticando um racismo grosso, sim. Mas nesse contexto do futebol, nessa forma, é o fim do futebol. A menina está sendo procurada no Brasil inteiro como se assassina fosse e os assassinados da Bolívia¹⁵ estão soltos. Os outros que deram tiro perto do Beira-Rio, também os do Rio de Janeiro estão soltos¹⁶. Essa menina está virando assassina por ter feito um grito do folclore de futebol. Pelo amor de Deus¹⁷.

A própria lógica da comparação minimiza a discussão sobre o racismo e sobre as violências verbais no futebol identificando uma clara hierarquização das violências que importam. Aqui há uma negação de enxergar a gravidade da violência dirigida a outrem em um exercício que parece considerar legítima a reclamação apenas em casos que envolvam confrontos físicos. O comunicador ainda utiliza outra estratégia, a de desqualificar a vítima para seguir argumentando de forma contrária à reação do goleiro em relação à agressão sofrida:

Vai investigar o passado do Aranha em broncas para ver o que tem. Desse santinho, desse coitadinho que ele é. Vamos investigar o passado, que eu fui investigar. Há transgressões e transgressões. Algumas são simplesmente aceitas. Se fosse por isso, vou fazer uma gradação de transgressões. O Aranha não deixou o jogo andar. Interrompeu o jogo o tempo inteiro. Infringiu a lei o tempo inteiro. Aí ouviu um gritinho, coitadinho, que tem um passado de broncas parecidas, foi lá e fez aquela cena teatral¹⁸.

Nesse caso o comportamento do jogador seria um incentivador aos xingamentos ou um atenuante para a prática racista. Além da opinião do ex-presidente do clube, o então vice-presidente, Adalberto Preis também se manifestou criticando o goleiro Aranha por meio da rede social *Twitter*. O dirigente lembrou que o goleiro retardou a partida e utilizou manifestações do árbitro da partida que teria dito não ter visto as manifestações, mas que havia sido avisado pelos atletas. O vice-presidente foi categórico: “Sabem por que o árbitro não ouviu nem presenciou? Porque não houve. Foi tudo uma grande encenação do goleiro para fazer cera¹⁹”.

Ao mesmo tempo em que manifestações como essas parecem pedir certa tolerância ao que foi praticado pela torcida, parece que seus autores não conseguem separar facilmente o que seria do jogo e o que não.

E, contudo, se as tensões despertam numa sociedade mais alargada, se aí as restrições sobre os sentimentos intensos enfraquecem e o nível de hostilidade e ódio entre os diferentes grupos se eleva a sério, a linha divisória que separa

o jogo e aquilo que não é jogo, confrontos miméticos e reais, pode ficar pouco nítida. Nesses casos, a derrota no terreno do jogo pode evocar a amarga sensação de derrota na vida real e um apelo de vingança. Uma vitória mimética pode apelar à continuação do triunfo numa batalha fora do terreno de jogo (ELIAS 1992: 72).

A defesa da agressão ou igualar a agressão racista, ao menos conceitualmente exógena ao futebol, com o retardo da reposição de bola pelo jogador santista ajuda a borrar o que seria a esfera séria da vida ordinária com o tempo extraordinário do esporte, do lazer, do jogo.

Em julgamento no STJD, no dia 3 de setembro, o Grêmio acabou excluído da Copa do Brasil de 2014 (o clube corria o risco de ser excluído da competição ou perder dez mandos de campo em jogos do Campeonato Brasileiro), além de ter sido multado em R\$ 54 mil (R\$ 50 mil referentes ao caso de injúria racial, R\$ 2 mil por um rolo de papel higiênico arremessado em direção ao gramado e outros R\$ 2 mil por atraso da equipe ao entrar em campo). O presidente da Fifa elogiou o comportamento do STJD na punição aplicada ao clube gaúcho. Pela rede social *Twitter*, Joseph Blatter posicionou-se: “Eu já disse que o futebol deve ser mais forte no combate ao racismo. O Brasil enviou a mensagem certa, banindo uma equipe da Copa devido a abuso de ‘torcedores’²⁰”.

Após o resultado do julgamento, a própria torcida Geral do Grêmio (principal ocupante do setor Arquibancada Inferior Norte de onde partiram as ofensas ao goleiro santista) banuiu o termo “macaco” de seus cânticos. Os cânticos foram citados durante o julgamento do clube no STJD. No vídeo em que divulgou a suspensão do termo, a torcida afirmava que o mesmo não possuía caráter racista. A suspensão se daria “por tempo indeterminado, até que seja esclarecido que cantar a palavra dentro do contexto do folclore do futebol não é um ato racista²¹”. Aqui a disputa pela legitimidade ou não do termo “macaco” evidencia o campo de disputas culturais em que essas definições se colocam.

Dado que las nociones de violencia pueden no ser uniformes ni siquiera dentro de una misma cultura, la legitimidad es un elemento crucial en lo que se reconoce o no como violencia. Hay que rastrear en la legitimidad de los actos para ver qué se define como violencia. Aquí es necesario pensar las tensiones que existen entre distintas legitimidades, entendiendo que muchas veces lo legítimo para una mayoría no lo es para todos (GARRIGA ZUCAL 2010: 29).

A partir dessa data, e até o final da temporada de 2014, o termo que era autorizado historicamente na Arena do Grêmio e, muito antes, no estádio Olímpico estava interdito. Daquele dia em diante não se ouviu mais “macaco” ou “macacada” na Arena do Grêmio²².

O pleno do STJD acabou alterando a decisão em segunda instância, em julgamento ocorrido no dia 26 de setembro. Ao invés de excluir o clube gaúcho da competição, os auditores puniram o clube com a perda de pontos, o que somada à derrota na primeira partida cumpriu o mesmo efeito prático de eliminar o Grêmio da competição. O procurador do STJD, Paulo Schmitt argumentou que o clube precisaria ser responsabilizado pelos atos de seus torcedores. Segundo ele “não se separa o clube e a torcida. Quem separa tenta desinformar a sociedade. Clube e torcida é uma coisa só²³”.

Grêmio 0 X 0 Santos, Campeonato Brasileiro, 18 de setembro de 2014

Os jogos de futebol estão sempre inseridos em calendários e competições que ampliam a significação de um jogo específico (DAMO 2014b), qualquer jogo se dá dentro de uma série histórica, e envolve diferenças e repetições nos códigos culturais. Grêmio e Santos voltaram a se enfrentar na Arena do Grêmio no dia 18 de setembro de 2014 pelo Campeonato Brasileiro. Seria um reencontro entre os clubes, o goleiro Aranha e o estádio em que os gritos racistas aconteceram em um intervalo de três semanas e quinze dias após a exclusão do Grêmio da Copa do Brasil. O jogo teve um número pequeno de oportunidades de gols. Novamente os gaúchos tiveram um pequeno

domínio, mas foram incompetentes nas conclusões. Além das manifestações da torcida, o goleiro Aranha também teve destaque pela qualidade de sua atuação.

O goleiro foi alvo de ironias e protestos por parte dos torcedores do Grêmio incluindo aplausos quando o jogador retinha a bola até gritos como “vai, Branca de Neve” ou termos que desqualificavam as virtudes técnicas do jogador como “mão de alface” e “frangueiro”. O goleiro também foi muito vaiado desde o aquecimento e após praticar suas defesas. O grito “Aranha, veado” foi escutado durante toda a partida. A dimensão das vaias e dos gritos de “veado” fizeram o goleiro lamentar a postura dos torcedores: “Eu, sinceramente, esperava ser recebido de outra maneira. Acreditava que a grande maioria tinha repudiado as atitudes. Pelo que vi hoje, concordam com tudo. Acham isso bonito. Eles seguem a vida deles, e eu a minha²⁴”. O goleiro santista entendeu que, pelo comportamento da torcida na partida, o coletivo de torcedores do Grêmio concordava com as agressões sofridas por ele na partida anterior. O goleiro argumentou, também, que é comum atletas negros sofrerem ofensas racistas quando enfrentam o Grêmio. Questionado sobre as declarações do treinador do Grêmio, Luiz Felipe Scolari, que antes da partida afirmou que o jogador provocou a situação por prender a bola em demasia, o goleiro concluiu:

Rapaz, é complicado, porque é aquilo que eu falei. Às vezes, quando a Justiça funciona, a gente fica meio sem saber o que está acontecendo de verdade, começa a duvidar dos fatos. A imagem foi bem clara, não mostrou as 500, mil pessoas que estavam me xingando. Mostrou a garota, mas era muita gente me xingando²⁵.

Não foram apenas os gremistas que discordaram das manifestações do atleta santista. Maior ídolo do “alvinegro praiano”, o “Rei do futebol”, Pelé se juntou a declaração dos dirigentes gremistas e criticou a atitude do goleiro. “Pelé personifica a ideia de apagamento da identificação racial e, conseqüentemente, da superação do racismo – fenômeno que se supõe ocorrer quando o indivíduo negro ascende socialmente” (BASTHI, 2014: 116). Para ele a ofensa não deveria ter sido respondida:

O Aranha se precipitou em querer brigar com a torcida. Se eu fosse querer parar o jogo cada vez que me chamassem de macaco ou crioulo, todos os jogos iriam parar. O torcedor grita mesmo. Temos que coibir o racismo. Mas não é num lugar público que você vai coibir. O Santos tinha Dorval, Coutinho, Pelé... todos negros. Éramos xingados de tudo quanto é nome. Não houve brigas porque não dávamos atenção. Quanto mais se falar, mais vai ter racismo²⁶.

Na partida aqui em análise duas outras situações foram notáveis. Com a proibição do termo “macaco”, a torcida do Grêmio não fez referência ao Internacional, seu rival histórico. Os cânticos eram todos de incentivo ao time e não ofendendo o rival, como costumeiramente ocorria. A segunda situação que destacamos ocorreu após a partida. As rádios locais elogiaram o comportamento da torcida que, segundo elas, pressionaram, mas não ofenderam o goleiro. O zagueiro Rhodolfo, do Grêmio, entendia que a reação da torcida foi normal durante a partida: “Cheguei na hora que ele levou pancada e falei para ele que não precisava reclamar. É normal a torcida vaiar, xingar. Acho que dessa vez não teve racismo, graças a Deus não aconteceu isso²⁷”.

A opinião do jornalista Hiltor Mombach foi bastante interessante. Segundo ele, os torcedores que gritaram “Aranha, veado” corroboraram os insultos racistas. Ele argumentou que o termo “veado” afirmava o insulto protegido pela impunidade²⁸. Dois desdobramentos dessa avaliação merecem destaque. A ofensa dirigida ao goleiro nessa segunda partida, no caso o termo “veado” foi interpretado como uma ofensa racista e não ligada ao uso sexual ao qual o termo é costumeiramente associado no Brasil. O segundo desdobramento se refere à impunidade. Sendo racismo ou injúria racial por que um termo específico seria passível de punição e o outro não? A ocorrência generalizada do xingamento “veados” nos estádios de futebol “inocentaria” o termo? A ofensa a comportamento sexuais desviantes “absolveria” o xingamento nesse contexto? Mais uma vez nos defrontamos com esta fronteira movediça entre o permitido e o proibido.

As atitudes dos torcedores nos estádios de futebol produzem uma narrativa. Essa narrativa é construída de forma agonística na relação entre nós e eles. Esse “nós e eles”

poderia incluir os dois clubes em disputa, as duas torcidas, e, mais rotineiramente inclui os chamados clubes rivais. Não são apenas as partidas que estão em disputa, mas diferentes representações, dentre elas as regionais e de gênero, especialmente vinculadas às construções de masculinidades. Sendo o estádio de futebol um campo de construções da masculinidade o “enfrentamento” ao outro homossexual acaba sendo naturalizado. No futebol as masculinidades são dramatizadas, mas no futebol brasileiro, o pertencimento étnico acabou sendo posto de lado. Algumas narrativas, inclusive, destacam como o futebol foi e é protagonista na construção de uma “democracia racial” no Brasil. Podemos identificar a “origem” dessa aproximação no clássico artigo de Gilberto Freyre, *Foot-ball mulato* publicado no Diário de Pernambuco em 17 de junho de 1938, em que ele “afirmava que um dos trunfos da seleção brasileira era exatamente a mestiçagem, conferindo aos brasileiros um estilo de jogo de todo original” (AGOSTINO 2002: 144). O termo “veado” tende a estar presente em todos os estádios, o “macaco” não. Além disso, todos os atletas poderão ser “vítima” do grito de “veado”, mas nem todos poderão ser chamados de macaco.

Édison Gastaldo (2010) aponta como as trocas jocosas são constituintes das relações entre torcedores de clubes rivais ou envolvidos em enfrentamentos esportivos. O autor aponta, também, que esse espaço segue sendo hegemonicamente masculino. Arlei Damo (2014a) destaca ainda que o conteúdo dessas trocas está quase sempre relacionado com conteúdos de conotação sexual. As práticas sexuais cantadas, na maioria dos casos, diferenciam os sujeitos entre nós e eles vinculados a práticas de penetrar ou ser penetrado em uma narrativa diretamente vinculada às construções de masculinidades. José Garriga Zucal (2010) aponta como as distinções entre “machos” e “putos” não está relacionada diretamente com identidades ou mesmo práticas sexuais.

Porém, essa segue sendo a lógica de distinção para os integrantes das *hinchadas* argentinas.

O pertencimento clubístico “articula um sistema que movimenta as emoções a partir da relação pendular entre identidades (nós) e alteridades (eles/outros)” (DAMO, 2014a: 1). Fazendo um exercício radical do conceito de clubismo apostamos que se entendêssemos a luta antirracismo como um par oposto à torcida do Grêmio, os torcedores dentro da participação engajada se colocariam sem muito titubeio ao lado da torcida do Grêmio em oposição à luta antirracismo. “O pertencimento clubístico é uma espécie de máscara e implica uma transição de uma personagem a outra.

Particularmente, implica a identificação de um indivíduo a dada coletividade e, portanto, uma transubstancialização de indivíduo a persona” (DAMO, 2014a: 17). O sujeito individual poderia defender a luta antirracismo, o sujeito torcedor precisaria defender o Grêmio, “torcer é antes de tudo vivenciar uma interação que parece menos dependente das determinações últimas que divisam classificações seguras e preestabelecidas” (TOLEDO, 2010: 177). Dentro dessa percepção clubística entre defender os direitos civis ou defender seu clube, os torcedores estariam mais propensos a fazer a defesa do clube.

O legítimo e o ilegítimo de ser cantado nos estádios de futebol no Brasil

Neste recorte histórico que estabelecemos não há muito espaço para conclusões estáveis. Só podemos pensar avançando mais um tempo na série histórica, e após paramos, ainda cheios de indagações, mas com caminhos para continuar a pesquisa. Em abril de 2014, o Globoesporte.com relatava o alto número de incidências de caso de racismo no futebol brasileiro. Entre fevereiro de 2013 e aquela data, quatorze eventos foram registrados nos estádios do País²⁹. Desses casos, cinco envolveram clubes do Rio

Grande do Sul. Os mais notórios são o zagueiro Paulão do Internacional que após o Gre-Nal, válido pela primeira fase do Campeonato Gaúcho de 2014, na Arena afirmou que torcedores gremistas imitaram som de macaco para ele e o do árbitro Márcio Chagas na partida entre Esportivo e Veranópolis, ocorrida em Bento Gonçalves pelo mesmo certame. Após ser alvo de xingamentos racistas durante a partida, o árbitro encontrou seu automóvel arranhado, com marcas de pontapés e com bananas no escapamento e sobre o capô em uma área de acesso restrito do clube³⁰.

Esses casos ilustram brevemente o cenário em que o caso Aranha estava inserido, e ajudam a explicar a construção de nosso recorte. Não temos capacidade para verificarmos a incidência de episódios dessa natureza, mas nos permitimos inferir que o combate a manifestações de cunho étnicos/raciais estão na pauta de jornalistas e dirigentes ligados ao futebol. Qualquer expressão que utilize conteúdos vinculados à raça/etnia é rapidamente adjetivada como racista. Episódios em que os xingamentos utilizam a sexualidade como conteúdo de trocas jocosas não constituem uma pauta permanente. Em todas as partidas os jogadores têm sua sexualidade associada depreciativamente a uma conduta não heterossexual. Nesses casos, a ofensa não é sinalizada. O termo homofobia aparece eventualmente e sempre proposto por pesquisadores ou militantes de grupos que defendem a tolerância às práticas sexuais. Em alguma medida, sujeitos que estão fora do espetáculo futebolístico.

Se a luta antirracismo é uma demanda absolutamente justa, assim como outras que poderão aparecer, e parece estar ganhando força nos estádios de futebol, é necessário não desvinculá-la do processo de *gentrificação* dos estádios³¹. Mesmo enxergando movimentações dos clubes apenas vinculadas aos riscos de punição desportiva e sendo absolutamente favorável as pautas dos direitos humanos, pensamos que é necessário problematizar ou questionar se esses conteúdos não estão aparecendo

junto com a elitização do público e a restrição de comportamentos mais associados ao popular nas praças esportivas brasileiras. Seguimos acompanhando a série histórica, para ver seus desdobramentos. A partida está longe do final!

- 1 Heloisa Reis não parece estar utilizando a expressão “violência simbólica” tal como Bourdieu a empregou em *A dominação masculina*: Ao tomar “simbólico” em um de seus sentidos mais correntes, supõe-se, por vezes, que enfatizar a violência simbólica é minimizar o papel da violência física e (fazer) esquecer que há mulheres espancadas, violentadas, exploradas, ou, o que é ainda pior, tentar desculpar os homens por essa forma de violência. O que não é, obviamente, o caso. Ao se entender “simbólico” como o oposto de real, de efetivo, a suposição é de que a violência simbólica seria uma violência meramente “espiritual” e, indiscutivelmente, sem efeitos reais (BOURDIEU 1999: 46).
- 2 “A violência simbólica envolve apenas atitudes verbais e/ou gestuais, sendo que normalmente ela é emocionalmente satisfatória e agradável, produzindo até mesmo um efeito catártico no indivíduo. (...). Ela é socialmente aceita e, nos estádios de futebol, pode ser observada a partir dos gestos e gritos realizados pelos torcedores e de algumas canções e hinos cantados por eles” (REIS 2005: 112).
- 3 Para dar fluidez ao texto utiliza-se o “nome fantasia” dos clubes de futebol e não sua “razão social”.
- 4 Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/santos/noticia/2014/08/racismo-grupo-de-gremistas-tira-aranha-do-serio-sou-negao-sim.html>. Acesso em 30/12/2014, às 15h36.
- 5 Disponível em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/noticia/2014/08/aranha-protesta-contrato-de-racismo-na-arena-doi-4585928.html>. Acesso em 02/01/2015, às 20h37.
- 6 Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2014/08/gremio-se-solidariza-aranha-e-reitera-que-tomara-medidas-apos-racismo.html>. Acesso em 30/12/2014, às 16h03.
- 7 Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2014/08/gremio-defende-punicao-torcedores-nao-vamos-compactuar-com-racismo.html>. Acesso em 31/12/2014, às 10h49.
- 8 Disponível em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/noticia/2014/08/santos-repudia-atos-de-racismo-na-arena-em-nota-oficial-4586181.html>. Acesso em 16/01/2015, às 9h59.
- 9 Disponível em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/noticia/2014/08/arbitro-inclui-na-sumula-de-gremio-x-santos-caso-de-racismo-na-arena-4586196.html>. Acesso em 01/01/2015, às 20h42.
- 10 Disponível em <http://gaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia-aberta/policia-pede-que-torcedores-denunciem-envolvidos-em-atos-racistas-114300.html>. Acesso em 01/01/2015, às 21h14.
- 11 Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/sportv-news/noticia/2014/08/noriega-entende-reacao-de-aranha-e-critica-atos-de-racismo-deploravel.html>. Acesso em 31/12/2014, às 11h06.
- 12 Disponível em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/noticia/2014/08/arbitro-inclui-na-sumula-de-gremio-x-santos-caso-de-racismo-na-arena-4586196.html>. Acesso em 01/01/2015, às 21h10.
- 13 Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2014/08/gremio-revive-polemica-apos-5-meses-e-mira-evitar-imagem-de-clube-racista.html>. Acesso em 30/12/2014, às 15h55.
- 14 Disponível em <http://globoesporte.globo.com/rs/noticia/2014/03/torcedores-criam-movimento-para-tirar-palavra-macaco-de-cantos-na-arena.html>. Acesso em 30/12/2014, às 15h58.
- 15 Aqui Luis Carlos Silveira Martins faz referência a um episódio ocorrido na Taça Libertadora da América envolvendo torcedores do Sport Club Corinthians Paulista que arremessaram um sinalizador que acabou causando a morte de um torcedor rival em Oruro, cidade da Bolívia.
- 16 Nesse caso a referência se dá a um episódio em que torcedores do Clube de Regatas Flamengo ameaçaram os jogadores de sua equipe após uma derrota contra o Sport Club Internacional, em Porto Alegre.
- 17 Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2014/09/ex-presidente-do-gremio-critica-aranha-e-minimiza-ofensa-e-folclore.html>. Acesso em 03/01/2015, às 21h28.
- 18 Idem nota xvii.
- 19 Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2014/09/vice-presidente-do-gremio-faz-criticas-aranha-uma-grande-encenacao.html>. Acesso em 04/01/2015, às 20h59.
- 20 Disponível em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/noticia/2014/09/presidente-da-fifa-elogia-decisao-do-stjd-que-exclui-gremio-da-copa-do-brasil-4590664.html>. Acesso em 04/01/2015, às 21h14.
- 21 Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/noticia/2014/09/geral-reitera-suspensao-de-canticos-mas-nao-ve-racismo-no-termo-macaco-entoado-pela-torcida-4594378.html>. Acesso em 16/05/2015, às 12h58.
- 22 Na temporada de 2015 se mantém a prudência em relação ao termo “macaco” e seu derivado “macacada”. No estádio é possível perceber dois cânticos que aparecem com uma recorrência bastante pequena em comparação com sua incidência antes do episódio envolvendo o goleiro Aranha. Em um deles, a torcida entoou a expressão “macaco puto segue sempre imitando”. O outro é o “tradicional” *Aírei o pau no Inter* que possui a expressão “macacada filha da puta”.
- 23 Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2014/09/pleno-do-stjd-retira-tres-pontos-e-elimina-o-gremio-da-copa-do-brasil.html>. Acesso em 13/01/2015, às 10h59.
- 24 Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2014/09/vaias-ironias-e-alta-tensao-visao-da-torcida-no-retorno-de-aranha-arena.html>. Acesso em 08/01/2015, às 18h14.
- 25 Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/santos/noticia/2014/09/vaiado-aranha-desabafa-e-diz-que-nao-ira-dar-desculpas-para-esse-povo.html>. Acesso em 09/01/2015, às 10h21.
- 26 Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2014/09/pele-sobre-participacao-brasileira-na-copa-do-mundo-um-desastre.html>. Acesso em 16/05/2015, às 13h33.
- 27 Disponível em <http://globoesporte.globo.com/rs/noticia/2014/09/jogou-em-todas-aranha-esfria-vaias-com-defesas-e-ataca-nos-microfones.html>. Acesso em 09/01/2015, às 10h15.
- 28 Disponível em <http://www.correiodopovo.com.br/blogs/hiltormombach/?p=34422>. Acesso em 16/05/2015, às 13h40.

29 Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2014/04/racismo-se-alastra-futebol-brasileiro-tem-ao-menos-uma-denuncia-por-mes.html>. Acesso em 30/12/2014, às 15h05.

30 Disponível em <http://impedimento.org/arbitro-sofre-racismo-no-gauchao-e-faz-o-certo-denuncia/>. Acesso em 30/12/2014, às 15h18.

31 Ver Holanda, 2014.

Referências

AGOSTINO, Gilberto. Populistas, ditadores e guerrilheiros. In: _____. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 139-197.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; BECK, Matheus Passos. As novas arenas e as emoções dos torcedores dos velhos estádios. In: *Esporte e Sociedade*, v. 23, 2014, p. 1-12.

BASTHI, Angélica. Breve reflexão sobre Pelé e a experiência negra no futebol brasileiro. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela. (Orgs.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014, p. 115-127.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1999.

DAMO, Arlei Sander. Futebol, engajamento e emoção. In: *Esporte e mídia: novas perspectivas. A influência da obra de Hans Ulrich Gumbrecht*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014a, p.1 -28. [no prelo]

DAMO, Arlei Sander. O espetáculo das identidades e das alteridades – As lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela. (Orgs.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014b, p. 23-55.

ELIAS, Norbert. Sugestões para uma teoria de processos civilizadores. In: _____. *O processo civilizador II: formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993, p. 191-262.

ELIAS, Norbert. Introdução. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992, p. 39-99.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 30ª Edição, 2005.

GARRIGA ZUCAL, José Garriga (2010). *Nosotros nos peleamos: violência e identidade de uma hinchada de fútbol*. Buenos Aires: Prometeo Libros.

GASTALDO, Edison. As relações jocosas futebolísticas: futebol, sociabilidade e conflito no Brasil. In: *Mana*, v. 16, 2010 p. 311-325.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O fim do Estádio-Nação? Notas sobre a construção e a remodelagem do Maracanã para a Copa de 2014. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela. (Orgs.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014, p. 321-346.

HUIZINGA, Johan. “Natureza e significado do jogo como fenômeno cultural”. In: _____. *Homo Ludens*. São Paulo, Perspectiva, 1993, p. 3-33.

REIS, Heloísa Helena Baldy dos. Espetáculo Futebolístico e Violência: Uma complexa relação. In: DAOLIO Jocimar (Org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 105-130.

SEFFNER, Fernando. Masculinidade bissexual e violência estrutural: tentativas de compreensão, modalidades de intervenção. In: UZIEL, Anna Paula; RIOS, Luis Felipe; PARKER, Richard G. (Orgs.). *Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de aids*. Rio de Janeiro: Pallas: Programa em Gênero e Sexualidade IMS/UERJ e ABIA, 2004, p. 85-104.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcer: metafísica do homem comum. In: *Revista de História (USP)*, v. 1, 2010, p. 175-190.